

Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais

Mediation of information in librarian job and its process in university libraries within cultural actions scope

Gisele A. Ribeiro Sanches

Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias pela Universidade Estadual de Londrina – UEL

Bibliotecária da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS

E-mail: gisele.sanches@ufms.br

Sinomar Ferreira do Rio

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Marília

Docente das Faculdades Integradas de Nova Andradina

E-mail: sinorrio@yahoo.com.br

Resumo

Em um cenário em que a informação é considerada insumo básico necessário para o desenvolvimento de sujeitos atuantes na sociedade, bem como um elemento para o desenvolvimento de uma sociedade calcada no crescimento econômico, político e científico, parece-nos necessário pensar, mesmo que para efeito de ensaio, um significado que melhor se aproxime do que se quer entender por informação e as formas de operacionalização deste conceito dentro do contexto da Ciência da Informação. Como forma de explicitar esta operacionalização, pretende-se neste artigo verificar em que medida a ação de Mediação da Informação efetuada pelo profissional bibliotecário de biblioteca universitária proporciona a valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende ao promover tanto o consumo como também a produção de cultura. Essa atribuição de importância ao fazer do bibliotecário está atrelada a como esse profissional entende e internaliza o conceito de informação para dirigir sua prática. Desta forma, para alcançar os objetivos propostos, partimos do conceito de informação e Mediação da Informação até chegarmos aos conceitos de cultura, ação cultural e animação cultural.

Palavras-chave: Informação. Mediação da Informação. Cultura. Ação Cultural. Animação Cultural.

Abstract

In a scenario where the information is considered basic inputs needed for the development of individuals working in the society as well as an element for the development of a society based on economic growth, political and scientific, it seems necessary to think, even for the purpose test, meaning that most closely matches what you want to understand why information and ways of operationalizing this concept within the context of information science. As a way to explain this operation, this article seeks to ascertain to what extent the action of mediation of information made by the librarian of the university library provides the recovery and transformation of the socio-cultural community which serves to promote both consumption and also the production of culture. This attribution of importance to make the librarian is tied to how these professional understand and internalize the concept of information to direct their practice. Thus to achieve the proposed objectives, we start from the concept of information and mediation of information until we get to the concepts of culture, cultural action and cultural activities.

Keywords: Information. Mediation of Information. Culture. Cultural Action. Cultural Activities.

Introdução

Tendo por fundamental a importância da interação do bibliotecário com o usuário no processo de aquisição da informação, entendemos que o processo de Mediação da Informação se constitui pela interação informação/bibliotecário/usuário. Nesse sentido temos como requisito indispensável para esse processo de mediação o conhecimento, por parte do profissional da informação, de sua comunidade usuária, o que pressupõe um entrelaçamento e uma identificação dos processos inerentes à unidade de informação para com seu usuário.

E para que as características próprias desse papel mediador do bibliotecário sejam exploradas em toda sua potencialidade é de extrema importância que o bibliotecário perceba e internalize o seu papel transformador dentro do Serviço de Referência e Informação. Para que tal contribuição se concretize se faz imprescindível o compromisso e a responsabilidade do profissional em participar do processo de construção de conhecimento político e histórico de sua comunidade usuária. Mas para que isso ocorra o profissional bibliotecário em primeiro lugar deve reconhecer sua identidade profissional e também se reconhecer como parte integrante daquela comunidade.

Não obstante ser o acima referido o ideal, o que podemos constatar é que muitas vezes não é o quadro com o qual nos deparamos ao voltarmos o olhar não só para este ramo de atividade como para os outros pertencentes ao Serviço de Referência e Informação.

Esta dissonância entre o ideal e o real apresenta-se ao atentar para uma suposta neutralidade oriunda de uma objetividade própria do trabalho técnico do bibliotecário focado ainda no suporte de informação. E isso se faz presente ao percebemos que muitas das técnicas e procedimentos aplicados no trato da informação não satisfazem as expectativas do público alvo. Isso ocorre porque não há um processo de reflexão das práticas exercidas dentro das unidades da informação, acarretando deficiências decorrentes de alguns fatores, dos quais podemos destacar: uso de normas e padrões que não passam por periódicas avaliações para aferir sua adequação àquela realidade; falta de atualização do profissional, atualização esta que pode ser feita por intermédio de cursos, participação em eventos, leituras referentes à teoria e à prática profissional.

Nesse sentido, pretende-se verificar neste artigo em que medida a ação de mediação da informação, efetuada pelo profissional bibliotecário de biblioteca universitária, proporciona a

valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende ao promover tanto o consumo como também a produção de cultura. Isso perpassa por como o bibliotecário entende e internaliza o conceito de informação como forma de enriquecer seu cabedal conceitual para dirigir a prática. Como forma de desencadear nossa abordagem, partimos do conceito de informação e Mediação da Informação até chegarmos aos conceitos de cultura, ação cultural e animação cultural.

O paradigma da informação: um conceito em formação.

No contexto atual em que a informação tem influência decisiva no desenvolvimento de sujeitos atuantes na sociedade, bem como para o desenvolvimento de uma sociedade calcada no crescimento econômico, político e científico se faz necessária a reflexão a respeito da compreensão conceitual do termo informação e de sua operacionalização nas relações que lhe são próprias. Essa reflexão torna-se indispensável para a atuação de um bibliotecário comprometido com o desenvolvimento sociocultural da organização coletiva.

Muitos são os campos da ciência que se dedicam a estudar o fenômeno chamado informação, o que nos mostra uma área de trabalho multidisciplinar que ainda está em aberto para ser debatido.

Para tanto, vejamos o que nos diz um dos teóricos da ciência da informação ao nos dar diretrizes tanto a respeito do conceito de informação como a respeito do conceito de ciência da informação. Em seu livro *A Ciência da Informação* Yves-Francois Le Coadic propõe reflexões acerca da ciência que estuda os processos pelos quais se produz, comunica e usa a informação.

Utilizaremos a definição do autor de informação:

[...] a informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação. (LE COADIC, 2004, p. 4, parênteses do autor).

Esta conceitualização nos serve para pensar a respeito de como o conceito de informação é tratado de forma hegemônica dentro do cenário biblioteconômico. Mas para entender como essa

corrente teórica se efetivou vamos voltar às raízes da ciência que tem a informação como seu objeto de estudo, e para isso nos reportemos mais uma vez ao que Le Coadic (2004, p. 25) pode nos acrescentar agora a respeito do conceito de Ciência da Informação. Conforme o autor conceitua:

De prática de organização, a ciência da informação tornou-se, portanto, uma ciência social rigorosa que se apóia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objeto o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso.

Proveniente de modelos teóricos das Ciências Exatas a Ciência da Informação teve seu início em meados do século XX, mais propriamente na década de 1960. Neste período são formulados os primeiros conceitos e definições que buscavam estabelecer leis universais que representassem o fenômeno informacional e que serviram para a posterior fundamentação teórica.

O relacionamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais se dá na medida em que se faz presente o usuário. O usuário configurou-se como o elemento que veio para redirecionar e redimensionar o enfoque em que até então era apresentado pela teoria matemática da transmissão de sinais elétricos. Calcada em aportes teóricos positivistas e funcionalistas, a Ciência da Informação, ainda assim buscava o máximo de objetividade possível se utilizando de modelos sociais estatísticos e quantitativos. E o que nos parece é que este é um traço que ainda podemos perceber, mesmo no século XXI, tanto no pensamento teórico hegemônico da área como nas práticas exercidas pelos profissionais bibliotecários dentro das unidades de informação, como uma tendência à exacerbação da técnica.

Diante da importância desse conceito, parece-nos necessário pensar, mesmo que para efeito de ensaio, um significado que melhor se aproxime do que se quer entender por informação. Vislumbrando uma nova compreensão do conceito de informação alternativo ao concebido pela objetividade técnica, compreendemos que isto que chamamos de informação se constitui processualmente mediante elementos subjetivos de estruturas significantes, intangível, imensurável que se tornam significativos ao confrontar-se com a realidade objetiva que se constitui conceitualmente ao indivíduo¹. Entendemos que é nesse processo que isto que

¹ Esse modo de conceber o conceito de informação se apóia no paradigma, mesmo não sendo nosso objeto de análise no momento, da Teoria da Auto-organização. Este paradigma nos permite pensar as relações, que ora chamamos de informacionais, em termos de processos, de maneira a compreender o que se dá na qualidade de objetividade como um processo de objetivação entre organismo e meio ambiente. Essa forma de pensamento é manifesta na seguinte

chamamos de informação se constitui como tal e é assimilada, aumentando qualitativamente o cabedal informacional do indivíduo, levando-o a formulação de conhecimento. De acordo com esta sentença faz-se necessário pensar as relações intrínsecas existentes entre aquisição de informação pelo usuário e as relações do bibliotecário no processo de mediar esta aquisição, tudo isso no contexto da Sociedade da Informação. Contexto no qual a informação tomou o patamar de geradora e aglutinadora de uma sociedade dita em rede.

Estabelecido o *status* da informação na sociedade em rede, o bibliotecário, por ser um profissional que trabalha essencialmente com informação, está inserido e desempenha um papel construtivo neste cenário, a saber: gerenciar o espaço de aquisição da informação estrategicamente por meio de técnicas e procedimentos de tratamento, organização e disseminação da informação, de maneira a proporcionar uma maior interação de sua comunidade usuária com o conhecimento socialmente produzido.

E é justamente a partir dessas necessidades que se estabelece a interação entre as atividades biblioteconômicas e os usuários. De maneira a ficar aparente neste momento as atribuições de maximizar o acesso à informação na forma de atuação do profissional da informação. E essas são atividades concernentes ao que chamamos de Serviço de Referência.

De acordo com nossa concepção de que a informação é um processo constituído por elementos subjetivos que se objetivam na construção de conhecimento, nos parece limitado estabelecer uma relação objetiva com a informação. Isso porque o mero acesso físico a documentos vislumbra a biblioteca como um repositório informacional e não como espaço de relacionamento intersubjetivo entre o usuário e a informação. E ao que nos parece, deixar o suporte informacional disponível, exime o bibliotecário de participar da construção de conhecimento por exercer uma atividade disseminativa, descontextualizada com os demais processos desenvolvidos dentro da unidade de informação. De maneira que a disseminação da informação, não estando presente nas demais atividades que compõem a unidade de informação, dá a entender que o trabalho do bibliotecário está finalizado ao configurar a Disseminação da Informação como serviço-fim no fluxo da informação. De forma que o conceito de disseminação

forma: “Segundo essa definição, *informação* não é uma entidade, coisa ou substância mas, sim, um processo auto-organizado que permite o estabelecimento de padrões de ação para organismos situados em ambientes governados por relações compartilhadas de ordem [...] podemos compreender o termo informação em relação a um movimento que se desenvolve, através do tempo, rumo ao estabelecimento de algo ainda em formação.” (GONZALEZ; NACIMENTO; HASELAGER, 2004, p. 197, *itálico dos autores*)

da informação, mesmo querendo compreender como ato de divulgar, difundir e propagar, não configura a abrangência de serviços e produtos que propõe quando o profissional bibliotecário tem uma postura passiva perante sua comunidade usuária, isto é, não produzindo um espaço de compartilhamento de informação.

Pensando de forma mais abrangente o trabalho do profissional da informação, em particular a biblioteca universitária, sua atuação deve apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão dentro da universidade e, assim, comprometer-se com o desenvolvimento da sociedade, faz-se necessário no presente momento da história rever e reavaliar os conceitos e práticas até agora exercidas. O que se faz presente nos estudos referentes à linha de pesquisa Mediação da Informação.

Mediação da Informação configura-se como linha de pesquisa que propõe atividades de interferência que vão além da relação usuário/informação, de maneira a perpassar por todo o fazer biblioteconômico, enfocando práticas que tornem o trabalho do bibliotecário, agora entendido como mediador, subjetivo. Trabalho esse que configure a biblioteca como um espaço intersubjetivo no compartilhamento de informação.

Mediação da Informação: uma ampliação conceitual

Percebemos nos estudos referentes à Mediação da Informação o conceito de informação como uma estrutura que tem em seu cerne a potencialidade da significância que eclode ao confrontar-se com a realidade conceitual do indivíduo e que para isso necessita de um documento como veículo de comunicação. Nesse sentido, o que se compreende por informação se constitui mediante um processo de interação entre elementos disponíveis na unidade de informação, que por ora podemos chamar de proto-informação, e o usuário. Vale ressaltar que nesse processo, o bibliotecário tem um papel fundamental uma vez que ele está interfaceando as relações entre usuário/informação.

Firmado nessa compreensão, entendemos por necessário apontar que a área de estudo Mediação da Informação muitas vezes é confundida como sinônimo de Disseminação da Informação. Esse equívoco ocorre porque a Mediação da Informação se utiliza, para sua

conceitualização, de aportes teóricos apoiados em uma revisão e ampliação dos conceitos e práticas aplicados a Disseminação da Informação.

Tal revisão conduz a uma ampliação do conceito de Disseminação da Informação para uma nova sentença, a de mediação da informação. E é neste sentido que Almeida Junior conceitua:

Mediação da Informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional. (ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 46)

Esta ampliação conceitual se faz necessária na medida em que se percebe que as atividades pretendidas pela Disseminação da Informação não estão em consonância com o momento atual que passa nossa sociedade. Momento este que apresenta áreas de estudo empossadas pelo discurso competente (CHAUÍ, 2000) de especialistas que ao ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro fomenta atividades, dentre as quais destacamos as atividades disseminativas, alicerçadas no propósito de uma neutralidade e uma imparcialidade oriundas do emprego da técnica, como se a técnica fosse neutra, como pressupostos para a atuação do profissional bibliotecário. Em contrapartida, a Mediação da Informação propõe que o fazer do profissional da informação deve estar integrado com a comunidade a qual atende se utilizando da técnica para promover espaços de apropriação da informação. A esse respeito Almeida Junior considera:

Na mediação não há, nem pode haver, uma neutralidade, tanto por parte do usuário (aquele que explicita ou sugere uma necessidade informacional) como por parte do bibliotecário/arquivista (aquele que conhece e sabe se movimentar adequadamente no universo informacional). A idéia da presença da neutralidade – e de sua necessidade – no fazer bibliotecário/arquivístico é constante e recorrente entre os profissionais da área. O senso comum bibliotecário/arquivista identifica e tenta explicar a mediação com a imagem da “ponte”. No entanto, esta é fixa, permitindo a passagem de um lado para outro, sem interferir. Além disso, os lados ligados pela ponte são sempre os mesmos. (ALMEIDA JUNIOR, 2006 Slide 10)

Como o profissional bibliotecário reúne as condições necessárias para intermediar a relação entre usuário/informação atividades, ora entendidas como neutras, sejam substituídas por ações de interferência.

Essas atividades de interferência vão além da relação usuário/informação, de maneira a perpassar por todo o fazer biblioteconômico, enfocando práticas que tornem o trabalho do bibliotecário, agora entendido como mediador, subjetivo. Trabalho esse que configure a unidade de informação como um espaço intersubjetivo no compartilhamento de informação. E para reforçar esta assertiva vejamos como mediação é conceitualizada por Bicheri (2008, p. 93):

Mediação envolve a ação de quem intercede, interfere por algo e por outro; implicando em vários caminhos, opções e escolhas. Constatamos que na mediação alguém está entre duas ou mais pessoas/coisas, facilita uma relação, serve de intermediário, sugere algo, sem agir pela pessoa ou lhe impor alguma coisa.

Mediar é construir em conjunto espaços que ative no profissional bibliotecário, agora não mais um profissional passivo, uma postura comprometida com sua classe profissional e com a comunidade a qual atende culminando em um compromisso com a sociedade fazendo que seu ramo de atividade seja reconhecido socialmente por sua importância.

O bibliotecário mediador no âmbito das ações culturais

Longe a pretensão de ter esgotado o assunto, mas visando ampliar a frente de análise do papel do profissional bibliotecário, objetivamos neste artigo pensar a ação desse profissional como mediador da informação no âmbito da dimensão sociocultural. Intentamos assim trazer para o debate o quanto a atuação do bibliotecário proporciona a valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende ao promover tanto o consumo quanto a produção de cultura na biblioteca universitária. Para tanto colocamos uma questão importante para nortear nosso debate, a saber: como promover ação cultural na biblioteca universitária sem ser convertida em animação cultural? Essa questão tem por propósito diferenciar duas atuações diversas que podem ser confundidas como iguais, e, ao serem confundidas, induz o profissional a produzir animação e não ação cultural. As diferenças se esclarecem quando os fins de cada atuação se fizerem manifestos.

Para tanto, precisamos compreender o significado do conceito-chave *cultura* em sua pertinência para o nosso debate. O conceito cultura, ainda que muito utilizado em textos científicos que abordam a temática cultural na área de Ciência da Informação, carece de uma melhor compreensão de seu valor semântico e de sua implicação para a devida compreensão do

conceito que ora nos preocupa, o de ação cultural. Ao apreciarmos o conceito de cultura em suas junções com outros termos que buscam atribuir atividade a esse conceito, e isso na literatura da área de biblioteconomia², obtemos por vezes conceitos como ação cultural, animação cultural e todas as ações que podemos chamar de “recreacionismos culturais”. Esses conceitos presentes em textos da área de biblioteconomia como *modus operandi* a serem aplicados nas unidades de informação estão sempre denotando algo já construído e estruturado de forma a ser executado, ou seja, uma ação pronta para ser colocada em prática.

Quando estamos diante de um texto que nos relata uma prática de ação cultural desenvolvida dentro da unidade de informação, deparamos-nos com a ausência de fatores que indiquem o resultado do processo da ação. Não nos é mostrado os elementos constituintes de cultura que fizeram daquela ação algo realmente relevante para aquela comunidade usuária. O que nos remete a algumas questões referentes a estas atividades: quais os elementos de cultura potencializados nessas atividades ditas de ação cultural levam a reflexão e ao processo de autonomia do indivíduo? Como o bibliotecário deve participar destes espaços de cultura? E por fim, como o bibliotecário entende o conceito de cultura?

Chegamos a um dos pontos de tensão de nosso debate; fazer a tentativa de compreender e perceber pontos de junção entre o conceito de cultura, em uma perspectiva político-cultural, com a prática do bibliotecário.

Entendemos cultura³ como o patrimônio intelectual e material, de um povo ou nação, estruturado de acordo com um conjunto de elementos que integram um meio social constituído

² Não pretendemos com essa exclamação desqualificar todos os trabalhos científicos sobre essa temática, até porque isso requeria uma análise exaustiva e pontual de todos os discursos a respeito do tema. Mas esse tipo de trabalho não é o nosso objetivo aqui, bem como acreditamos que fôssemos proceder por universalização encontraríamos provas em contrário. O que de fato manifestamos foi resultado de uma certa falta de critério discursivo que demarcasse minimamente o espaço conceitual próprio daquilo que queremos compreender por ação cultural, em suas diferenças com outros tipos de conceito em que o de cultura, em junção ao outros termos, conceitualiza novos espaços conceituais.

³ O conceito de cultura, conforme nos apresenta a detida análise de Raymond Williams em suas obras *Marxismo y literatura* e *Palavras clave: um vocabulário de la cultura y la sociedad*, constitui-se como problemático em sua origem história e complexo em suas diversas matrizes linguísticas. Segundo o autor, cultura é uma das palavras mais difícil de se definir e compreender. Ela pode ocultar em seu significado posições ideológicas ao ser um fator justificador das relações de poder de um povo sobre outro ou de uma classe sobre outra. Esse perigo se apresenta quando o termo cultura se manifesta como um conceito resultante de um processo histórico de uma ideia que se manifestou como conceito ao se definir como expressão de um modo de ser mais elevado e, portanto, como um momento evoluído da história daquilo que se denominou civilização. Não obstante termos ciência da problemática que envolve o termo cultura, apresentamos essa concepção para firmamos o debate do fazer bibliotecário como agente cultural, isto é,

por valores, normas, conceitos, linguagens, símbolos, sinais, modelos de comportamento que abarcam todos os aspectos da dinâmica social do indivíduo na sua formação.

De acordo com Abbagnano (1998, p. 225-228) o verbete cultura possui dois significados básicos, a saber:

No primeiro e mais antigo, significa a *formação* do homem, sua melhoria e seu refinamento. [...] No segundo significado, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de *civilização*. [...] No significado referente à formação da pessoa humana individual, essa palavra corresponde ainda hoje ao que os gregos chamavam *paideia* e que os latinos, na época de Cícero e Varrão, indicavam com a palavra *humanitas*: educação do homem como tal, ou seja, educação devida às boas artes peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais. As boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia etc., as quais se atribuíam valor essencial para aquilo que o homem é e deve ser, portanto para a capacidade de formar o homem verdadeiro, o homem na sua forma genuína e perfeita. [...] No segundo significado, essa palavra hoje é especialmente usada por sociólogos e antropólogos para indicar o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra entre membros de uma determinada sociedade. Nesse significado [cultura] não é a formação do indivíduo em sua humanidade, nem sua maturidade espiritual, mas é a formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem. (itálicos do autor)

Ao ressaltar alguns elementos do autor supracitado, percebemos componentes que possibilitam fazer um diálogo conceitual entre o conceito de cultura e o conceito de Mediação da Informação.

O conceito de cultura, como nos permite compreender o verbete supracitado, apresenta-se como um processo dialético do homem como formador de sua cultura, cuja cultura constituída reflete o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra entre membros de uma determinada sociedade, resultando na formação coletiva de um grupo social. Por ser um processo dialético, o processo formador é sempre inacabado. Sempre novas questões exigem novas respostas e, assim, nova formação cultural. Em outras palavras, o ser homem, como produtor e resultado de sua cultura, está sempre se renovando.

Sendo o ato de Mediação da Informação toda ação de interferência com o objetivo de interfacear a relação usuário/informação integrada a comunidade usuária, essa ação se dá tanto na formação do homem formador de sua cultura como no homem produto dessa formação. Em outras palavras, a Mediação da Informação se constitui como um processo de fluxo e refluxo dos

promotor de um espaço formativo que potencialize as qualidades intelectuais de um modo de ser humano comprometido com o mundo social e histórico ao qual é inerente.

processos culturais, de maneira a contribuir com a fixação do adquirido, bem como potencializando ações transformadoras.

Ao refletirmos acerca do conceito de cultura no fazer biblioteconômico, percebemos a importância da participação do bibliotecário mediador no contexto cultural. Para que essa participação aconteça o ponto de partida é a tomada de consciência de seu papel crítico, científico e porque não dizer revolucionário. Esse profissional, ao se posicionar como um agente canalizador de ações de interferência, propicia um espaço promotor da formação da autonomia do indivíduo. Criando espaços dentro da unidade de informação que potencialize no indivíduo clareza dos conceitos que atuaram e atuam como fatores condicionantes de sua personalidade sociocultural, o bibliotecário disponibiliza a sua comunidade usuária recursos cognitivos que permitam a revisão criteriosa dos princípios constituintes dos valores que orientam sua ação individual no social. Por efeito de repercussão sistêmica, a ação desse profissional potencializa condições de bem-estar social, o que demonstra que o bibliotecário é um profissional que possui a capacidade de penetrar nos quadros sociais e culturais, de ampliar as ações e aspirações dos indivíduos, de oferecer subsídios que permitam ao indivíduo se posicionar frente aos problemas sociais com desenvoltura comprometida com o bem coletivo.

Essa compreensão operacional do conceito de ação cultural no fazer do bibliotecário está firmada em uma estreita ligação entre as dimensões intelectual e política do ser humano em suas relações de classe social. Antônio Gramsci (1891-1937), filósofo italiano de origem camponesa, em seus estudos acerca da formação cultural na organização social segue metodologia marxista, isto é, aprecia a realidade sociocultural como processo dialético em que a história, em suas condicionantes, é o resultado de produção humana. Diferenciando da concepção marxista tradicionalista que compreende a superestrutura como força ideológica que emerge das relações econômicas da infraestrutura e se faz poder de dominação entre classes, Gramsci concebe que a superestrutura é o resultado das soluções políticas que se mostraram viáveis para a organização social de um período. Essa solução é histórica e como tal sempre sujeita a não mais ser a melhor resposta aos problemas vividos socialmente, problemas esses manifestos na infraestrutura, isto é, nas relações econômicas entre os homens. Novos problemas exigem novas soluções que devem ser constituídas mediante as relações intersubjetivas entre os homens, no caso intelectuais munidos de ferramentas conceituais potencializadoras de soluções. Em seus escritos, o filósofo

apresenta uma ampla gama de tipos de intelectuais (urbanos, industriais, rurais, burocráticos, acadêmicos, técnicos, profissionais, pequenos, intermediários, grandes, coletivos, democráticos, etc.). Para efeito de contribuição em nosso debate, nos focaremos em suas colaborações conceituais a respeito de seu conceito de intelectual orgânico traçando um paralelo entre o papel do bibliotecário mediador. Desta forma, considera:

“Orgânicos” são os intelectuais que fazem parte de um organismo vivo e em expansão. [...] Tal intelectual deve ser um “construtor, organizador, educador permanente”, de modo que “da técnica- trabalho se chegue à técnica-ciência, à concepção humanista histórica, sem a qual se permanece ‘especialista’ e não se chega a ‘dirigente’ (especialista+político)” (GRAMSCI⁴, 1975, p. 1.518 citado por SEMERARO, 2006, p. 337, aspas e parênteses do autor)

Nesse contexto, o bibliotecário mediador seria o intelectual orgânico oriundo da estrutura social sintonizado com as dinâmicas sociais, não mais se escondendo atrás da neutralidade técnica, não ficando alheio às contradições do seu tempo. O profissional da informação seria como um elemento orgânico dentro de sua comunidade usuária ao ser entendido como um intelectual politicamente compromissado com o próprio grupo social.

Esta proposta de intelectual orgânico se diferencia, ainda hoje, de algumas posturas assumidas pelo bibliotecário. Esse modo de proceder do profissional bibliotecário se assemelha muito com outro tipo de intelectual percebido por Gramsci, a saber:

[...] os intelectuais tradicionais ficavam empalhados dentro de um mundo antiquado, permaneciam fechados em abstratos exercícios cerebrais, eruditos e enciclopédicos até, mas alheios às questões centrais da própria história. Fora do próprio tempo, os intelectuais tradicionais consideravam-se independentes, acima das classes e das vicissitudes do mundo, cultivavam uma aura de superioridade com seu saber livresco. (GRAMSCI, 1975, p. 1.518 citado por SEMERARO, 2006, p. 337)

Ao possuir características de um intelectual tradicional o bibliotecário limita-se ao mundo fechado das idéias e das palavras contidas dentro da biblioteca não percebendo que sua neutralidade técnica provoca seu distanciamento da sociedade tornando-o incapaz de compreender o conjunto do sistema econômico, social e político que o circunda.

Este distanciamento entre o bibliotecário e as questões político-culturais fica aparente quando trazemos esses conceitos - intelectual orgânico e intelectual tradicional⁵ - para as atividades desenvolvidas dentro das unidades de informação. Como forma de demonstrar a

⁴ GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**. Turim: Einaudi, 1975.

assertiva, voltemos aos conceitos-chave que nos propomos a discutir nesse estudo. Estamos nos referindo aos conceitos de ação cultural e animação cultural. Estes dois conceitos se assemelham ao ponto de muitas vezes serem considerados sinônimos, mas possuem diferenças essenciais e podem nos oferecer subsídios teóricos para mostrar o bibliotecário mediador como agente cultural e não como animador cultural.

De acordo com Coelho (1987, p. 108) "[...] ação cultural significa fornecer os meios de produção com os quais as pessoas possam encontrar seus próprios fins."

Em outro texto Coelho amplia sua definição afirmando que "[...] ação cultural, além de definir-se como área específica de trabalho, ensino e pesquisa, começou a constituir-se num conjunto de conhecimento e técnicas com o objetivo de administrar o processo cultural" (2001, p. 10).

A ação cultural depende de um contexto, da formulação de um programa harmônico que trace parâmetros de quais atividades devem ser desenvolvidas de forma que possibilitem contribuir com o espaço sociocultural, isso é possível mediante um diagnóstico cultural do espaço e para isso é imprescindível o entendimento e a internalização, por parte do bibliotecário, do conceito de cultura.

Uma outra conceitualização de ação cultural está presente nos estudos de Almeida (1987, p. 33), a saber:

Busca a expressão e a criatividade dos indivíduos no grupo e na comunidade. Está ligada à ideia de transformação, de emancipação a partir da expressão. Diz respeito não apenas a produtos culturais acabados, como também às condições que levam à capacidade criativa, à produção cultural. Relaciona-se por outro lado, ao processo de educação coletiva, no momento em que desenvolve atividades práticas e abre espaço para a troca de informações e a discussão sobre temas de interesse do grupo.

A ação cultural que queremos enfatizar constitui-se como um ato de reflexão político e democrático. Ação que organize meios que desperte a valorização e transformação do espaço sociocultural. Ação que, ao promover atividades construídas organicamente, isto é, constituída mediante as circunstâncias vividas como experiências humanas, potencialize e fomente a capacidade criativa de repensar o novo a partir do antigo, num efeito de superação mediada por um processo contínuo de emancipação intelectual.

Nesse cenário, o bibliotecário mediador tem como contribuição ser o agente cultural, canalizando elementos de cultura como condição de superação desse intelectual tradicional. Esse modo de entender o fazer biblioteconômico requer uma superação da visão do profissional passivo para uma postura proativa. Requer um profissional predisposto a conhecer sua história, conhecer os fatores políticoeconômicos atuantes na esfera social. Requer um profissional habilidoso em apreender a realidade conceitualmente, habilidoso em apreender os pontos de tensão que convidam a revisão conceitual. Enfim, requer um profissional que seja um intelectual engajado com a sua humanidade, o que o faz um intelectual orgânico.

Com os fins diferentes da ação cultural, temos a atividade de animação cultural. Atividade muito difundida na unidade de informação e muitas vezes chamada de ação cultural, porém possui diferenças essenciais. A esse respeito Coelho (2001, p. 16) conceitua animação cultural de acordo com a prática do animador cultural:

É uma expressão inadequada, viciada, que revela desde logo sua ideologia: o agente cultural é, aqui, um animador, é dele que parte a ação – nessa terminologia teológica, é ele o criador. É ele o sujeito, o grande sujeito. Os outros são meros objetos nos quais, como na lenda clássica, ele sopra a alma, *anima*. (itálico do autor).

É interessante ressaltar na fala do autor supracitado a ideia de que a animação cultural é uma atividade verticalizada, já definida, pronta para ser colocada em prática. Sendo o animador cultural o bibliotecário, o idealizador/executor das atividades, os demais, os usuários, são coadjuvantes de sua ação. Quando deveria ser entendido como estimulador, primeiro traçando planos de ação que contivesse atividades de interesse público.

Refletindo esses conceitos trabalhados até agora para as atividades culturais dentro da biblioteca universitária, quando acontecem, muitas vezes apresentam mais características da animação cultural do que propriamente de ação cultural.

A animação cultural, na maioria das vezes, está atrelada a biblioteca pública, isso se deve a produção de atividades como hora do conto, pequenas encenações teatrais, o que muito raramente acontece na biblioteca universitária. No entanto, ao verificar relatos a respeito das ações culturais desenvolvidas na biblioteca universitária, percebemos que conceitualmente estão voltadas para animação cultural, pois apresentam atividades que fomentam produtos culturais como mercadoria cujos valores vindos de fora são introjetados naquele contexto como pertencentes àquela cultura. Com o intuito de por o usuário em contato com uma cultura acaba,

muitas vezes, por tornar o espaço menos austero. O que queremos deixar claro com esse posicionamento é o fato de que as atividades culturais desenvolvidas na biblioteca universitária, quando suas atividades se aproximam conceitualmente de animação cultural, e conseqüentemente se distanciam do conceito de ação cultural, deixam de fora um componente que tem obrigatoriedade de pertencer ao ambiente acadêmico/científico, a saber: a reflexão.

Tendo em vista os fins próprios da ação cultural, o bibliotecário mediador deve estar firmado no conceito subjetivado de que suas atividades são ações naturalmente transformadoras, promotoras da conscientização do homem como um ser pertencente ao mundo e atuante no mundo. Com essa postura do bibliotecário, a Mediação da Informação dentro de uma biblioteca universitária se mostrará profícua e gestora de um ambiente produtor de conhecimento razoável, pois promoverá entre os pares acadêmicos o tino investigativo acerca de problemas reais, cujas respostas reproduzem condições de vida saudável.

A ação cultural não é por a disposição dos usuários o privilégio de usufruir dessa ou daquela cultura, passar horas de entretenimento e distração na biblioteca, muito menos deve ser entendida como isca para a promoção da leitura. A solução aos problemas relacionados à leitura passa pelo reconhecimento da sociedade quanto ao seu valor. Passa pela apreciação social da leitura como um instrumento de construção de indivíduos críticos e atuantes. Pensar o problema da leitura dentro da biblioteca universitária já é fazer ação cultural. Já é colocar em debate os fatores socioculturais que envolvem essa problemática. É já um convite para pensar a realidade do problema conceitualmente. A biblioteca, particularmente a universitária, não deve ser um espaço de exposição atrativa, à maneira de uma justificativa de seu valor social. A biblioteca deve ser amplamente conhecida pela sua importância social intrínseca. Ela deve ser reconhecida como um setor informacional, imprescindível na formação do ser enquanto humano, guardião e promotora do conhecimento socialmente construído, espaço propício para o homem se espiritualizar, se produzir enquanto ideia.

Não existe receita para desenvolver uma ação cultural dentro da biblioteca universitária ou em qualquer outro segmento de biblioteca, mas existe um princípio, o envolvimento.

Algumas considerações

Nossa proposta neste artigo foi apresentar o conceito de bibliotecário como mediador no âmbito das ações culturais, de maneira a operar como promotor efetivo no processo de democratização da informação.

A necessidade de enfatizar esse conceito se apresenta à medida que as relações existentes entre aquisição de informação pelo usuário e as relações do bibliotecário no processo de mediar esta aquisição são imprescindíveis para uma atuação profissional que atenda as exigências de um paradigma de Sociedade da Informação que não esteja pautado na desigualdade social e desigualdade de informação. Para tanto, o profissional bibliotecário, como quisemos ressaltar, deve se perceber, em primeiro lugar, como um ser dotado de historicidade, um ser político e social que tem em suas mãos um dos maiores instrumentos de poder do contexto atual - a informação.

O bibliotecário, entendido como mediador, é o profissional que se utiliza de ferramentas existentes para manejar a informação de forma a interfacear a relação usuário/informação, propiciando novos espaços formadores de subjetividades capazes de objetivar o mundo e as relações que o envolve, de maneira a serem críticos e transformadores de suas realidades.

Nesse sentido, tivemos por intenção colocar em debate a compreensão do conceito de Mediação da Informação no fazer do bibliotecário em Bibliotecas Universitárias. Focamos esse debate no âmbito das ações e culturais de forma a ressaltar ao longo do artigo que a prática do bibliotecário deve ser o espelhamento de uma teoria bem internalizada e alicerçada em valores humanísticos.

Quando propusemos verificar em que medida a ação de Mediação da Informação efetuada pelo profissional bibliotecário de biblioteca universitária proporciona a valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende, nossa pretensão foi abordar essa temática enfocando a atuação do bibliotecário no que concerne promover tanto o consumo quanto a produção de cultura na biblioteca universitária.

O debate a respeito dessa temática abordou o conceito de cultura para uma melhor compreensão de seu valor semântico e de sua implicação nas ações culturais fomentadas e relatadas pelas unidades de informação.

Nesse contexto cultural, a Mediação da Informação se constitui como um processo de fluxo e refluxo dos processos culturais e o bibliotecário mediador de cultura seria o agente canalizador de ações de interferência ao propiciar um espaço promotor da formação da autonomia do indivíduo.

Abordamos também os conceitos de intelectual tradicional e intelectual orgânico presente na obra de Gramsci como forma de reflexão do perfil do bibliotecário ainda hoje encontrado. Esta conceitualização de intelectuais nos permite dizer que o bibliotecário quando apresenta características de um intelectual orgânico é um profissional que possui a capacidade de penetrar nos quadros sociais e culturais, de ampliar as ações e aspirações dos indivíduos, de oferecer subsídios que permitam ao indivíduo se posicionar frente aos problemas sociais com desenvoltura comprometida com o bem coletivo.

No sentido de reforçar a assertiva do bibliotecário como intelectual orgânico, trazemos para o debate os conceitos de ação cultural e animação cultural. Dentre as leituras feitas para o desenvolvimento desta breve pesquisa, percebemos a recorrência de conceitos de ação cultural e animação cultural como sinônimos, porém concluímos que existe uma diferença semântica entre as duas sentenças, principalmente quando focalizamos esses conceitos na biblioteca universitária.

Percebemos que animação cultural é conceituada como atividades que têm por razão fomentar produtos culturais como mercadoria cujo valores vindos de fora são introjetados naquele contexto como pertencentes àquela cultura. Ao passo que a ação cultural traz em seu bojo conceitual um importante componente - a reflexão.

Propusemos mostrar o conceito de ação cultural que nos permita dizer que essas atividades são um ato de reflexão político e democrático. Ação que organize meios que desperte a valorização e transformação do espaço sociocultural. Ação que, ao promover atividades construídas organicamente, isto é, constituída mediante as circunstâncias-problemas vividas como experiências humanas, potencialize e fomente a capacidade criativa de repensar o novo a

partir do antigo, num efeito de superação mediada por um processo contínuo de emancipação intelectual.

O ponto inicial para que essas propostas sejam colocadas em prática passa pelo próprio entendimento do bibliotecário a respeito de si e do mundo que o cerca, ou seja, passa pela necessidade desse profissional fazer consciência de seu papel. Ao desempenhar seu papel com criticidade trará contribuições importantes para que se efetive como transformador no cenário sociocultural, percebendo-se como um democratizador efetivo da informação.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, M. C. B. A ação cultural do bibliotecário: grandezas de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1-4, p. 31-38, jan./dez. 1987.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

_____. **Mediação da informação**: alguns aspectos. 2006. 19 slides. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/PETBiblioteconomia/palestras/osvaldo.pdf>>. Acesso em: 23 de jul. 2010.

BICHERI, A. L. A. de O. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face a crescente virtualização da informação**. 2008. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

CHAUÍ, M. Discurso competente. In: _____. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

COELHO, T. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. Entrevista. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1-4, p. 105-127, jan./dez. 1987.

GONZALEZ, M. E. Q.; NACIMENTO, T. C. A.; HASELAGER, W. F. G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da Informação. In: FERREIRA, A.; GONZALEZ, M. E. Q.; COELHO, J. G. **Encontro com as ciências cognitivas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

SEMERARO, G. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n70/a06v2670.pdf>>. Acesso em: 23 de jul. 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1997.

_____. **Palavras chave**: um vocabulário de la cultura y la sociedad. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003.

Artigo submetido em 30 out. 2010

Artigo aceito em 22 nov. 2010